REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 5, n. 2, jul-dez, 2019.
Missões

FRONTEIRA CULTURAL, HISTÓRIA INDÍGENA E CONTATO ÉTNICO ENTRE OS GRUPOS CULTIVADORES PRÉ-COLONIAIS NA BACIA DO RIO ARARANGUA, SC, BRASIL

CULTURAL FRONTIER, INDIGENOUS, HISTORY AND ETHNIC CONTACT BETWEEN PRE-COLONY CULTIVATING GROUPS IN BACIA DO RIO ARARANGUA, SC, BRAZIL

Recebido em 19/08/2019
Aceito em 31/01/2020

Marlon Borges Pestana[1]

Resumo: A pesquisa teve por objetivo realizar um ensaio teórico sobre a cultura material relacionada aos grupos cultivadores pré-coloniais no vale do rio Araranguá. O objetivo foi o de identificar elementos que sugerem uma "zona de fronteira", isto é, material arqueológico cerâmico que contenha elementos decorativos ou tecnológicos plásticos tanto de grupos Jê, associados à tradição Taquara/Itararé, como de grupos ceramistas Tupiguarani; no mesmo sítio arqueológico e/ou conjunto cerâmico. Essa cerâmica, conhecida popularmente como de "contato" ou mais antigamente como "aculturada", pôde ser identificada através da mistura de elementos plásticos e decorativos em três sítios arqueológicos que serviram como amostra para a pesquisa. Os sítios arqueológicos SC-ARA-17: MussulineZanette (22J 0665572 E 6805042 N) e SC-ARA-22: Aldeia do Mussuline (22J 0665312 E 6807103 N) localizam-se na região do extremo sul catarinense, dentro do polígono de pesquisa do projeto Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Em ambos os sítios arqueológicos foram identificados fragmentos de vasilhas associados às tradições ceramistas Tupiguarani e Taquara/Itararé, além de alguns fragmentos que indicam negociações culturais entre essas duas tradições ceramistas. Identificou-se, como resultado da investigação, evidências que apontam para os tipos de interações sócio-culturais entre os grupos Jê Meridionais (Kaingang, Xokleng, Coroado) e Guarani (Carijó, Arachã, Tape). A análise irá ajudar na compreensão do povoamento pré-colonial do extremo sul catarinense por grupos cultivadores e as possíveis interações entre eles.

Palavras-chave: Fenômenos de fronteira; História Indígena; Araranguá; contato cultural.

Abstract: The research aims to be a theoretical insight about the material culture related to the pre-colonial farmers groups in the river valley Araranguá. It aims to identify elements that suggest a "border zone", that is, ceramic archaeological material that contains decorative elements or plastics technology both Ge, associated with tradition Taquara / Itararé, as potters groups Tupiguarani; even in archaeological site and / or ceramic assembly. This pottery, known popularly as the "contact" or more formerly as "acculturated" could be identified by mixing plastic and decorative elements on three archaeological sites that served as a sample for the survey. The archaeological sites SC-ARA-17: MussulineZanette (22J 0665572 E 6805042 N) and SC-ARA-22: Ring-Village of Mussuline (22J 0665312 E 6807103 N) are

[1] Professor adjunto do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande - ICHI/FURG. Atuante nas áreas de Histórias das Populações Indígenas; Arqueologia Comunitária; Agroecologia das Comunidades Tradcionais, Educação Patrimonial e Extensão Rural. E-mail: mbpestana@furg.br

located in the southern end of Santa Catarina region, within the research polygon Archaeology project Entre Rios of Urussanga to Mampituba (Archaeology Research Group and Integrated Land of the Universidade do ExtremoSulCatarinense). In both archaeological sites canisters fragments were identified associated with potters traditions Tupiguarani and Taquara / Itararé, plus some fragments that indicate cultural negotiations between the two potters traditions. The aim is to identify, as a result of the investigation, evidence pointing to the types of socio-cultural interactions between Southern Jê (Kaingang, Xokleng, Coroado) and Guarani (Carijó, Arachã, Tape). The analysis will help in understanding the pre-colonial population of the southern end of Santa Catarina by growers groups and the possible interactions between them.

Keywords: ethnic boundaries; Archaeology; Ararangua; cultural frontier.

INTRODUÇÃO

Durante o período colonial foram descritos contingentes indígenas na região sul do atual Estado de Santa Catarina. Esses grupos dividiam-se em horticultores e caçadores nômades, que viviam da caça, da pesca e da coleta (DE LÉRY, 1926; THEVET, 1944; SOARES DE SOUZA, 1958). Na região sul, com o tardio processo da colonização, relegado à segunda metade do século XIX, os pesquisadores observaram grupos humanos distintos entre si: os Carijó e os Coroado (IHERING, 1907; KOSERITZ, 1928; RODRIGUES, 1940). A disparidade cultural, para os observadores, estaria representada na língua e nos cantos, nos hábitos, nas vestes e na organização social e familiar. Tal diferença vem sendo observada também por arqueólogos em diferentes sítios arqueológicos do litoral norte do Rio Grande do Sul (FERRARI, 1985; KERN *et al* 1985; ROGGE, 2013) com referência exclusiva à cultura material.

Os primeiros observadores identificaram variações populacionais (DE LÉRY, 1926; SOARES DE SOUZA, 1958) que poderiam estar relacionadas com a cultura de cada povo. As tradições arqueológicas descritas na atualidade representam as características de cada povo. Para a tradição Taquara/Itararé temos o correspondente de elementos Jê (MABILDE, 1897) e para a tradição ceramista Tupiguarani são observados os elementos culturais descritos para os Carijó (MAESTRI, 1994; JAMUNDÁ, 1987). No litoral sul de Santa Catarina, nas proximidades do rio Araranguá, existem registros de sítios arqueológicos que apresentam contingentes cerâmicos dos dois conjuntos culturais ceramistas.

Ao considerar as regiões com graves acidentes geográficos, a exemplos dos grandes rios como corredores culturais, se tornam espaços de suposta interação cultural devido ao tentador convite oferecido pela paisagem. A interação cultural, além de ser um conjunto de

escolhas seletivas das comunidades culturalmente divergentes, em um mesmo espaço, é também um reflexo antropológico da simbiose de grupos distintos em busca dos ricos recursos presentes em um mesmo ambiente.

> A existência de territórios implica, por sua vez, na existência de fronteiras. Estas fronteiras não devem ser entendidas somente como "linhas divisórias" mas como áreas onde podem ocorrer situações de contato de variados tipos. Tais áreas, que chamamos aqui de zonas de fronteira são, sem dúvida, potencialmente as mais importantes para nosso estudo (ROGGE, 2005, p. 54).

A interação cultural pressupõe movimento. Sem a dinâmica de mobilidade entre os grupos, seriam mais raros os fenômenos que envolvem contatos culturais. Rogge (2005, p. 66) aponta que os movimentos *push-pull* partem das necessidades migratórias dos diferentes contingentes étnicos, resultado inclusive da manifestação cultural de como ocupar o território. O rio Araranguá é um importante elemento na paisagem do litoral sul do Estado de Santa Catarina. A geografia de suas redondezas é composta por montanhas suaves, em dois grandes acidentes: Morro Agudo e o Morro dos Conventos. Encontram-se banhados e matas paludais em áreas de restinga nos territórios mais baixos e nas planícies de inundação do vale.

GEOGRAFIA DA REGIÃO

O vale do rio Araranguá foi formado no Quaternário e tem base no arenito e nas erosões pliocênicas. O vale é sinuoso e composto de rios que conversam para o Araranguá desaguando no mar em uma única foz. A antiga sinuosidade do rio, ao contornar as montanhas testemunho, legou para a posteridade, diversos terraços fluviais às margens de meandros abandonados, sobre estes permanecem os sítios cerâmicos. Estes espaços, hoje, são barrancos altos e férteis à beira de banhados (antes eram os canais antigo traçado do rio) ricos em fauna e flora lenhosa diversificada.

> Esta erosão regressiva da escarpa da serra Geral propiciou a geração de uma ampla superfície deposicional na costa sul catarinense com franca exposição de depósitos correlativos, de idade Pliocênica a Quaternária, sob forma de leques aluviais disseminados por uma extensa planície. Observa-se claramente na paisagem, relevos residuais resultantes da extensa erosão regressiva que originou o piso das atuais baixadas litorâneas. Estas formas remanescentes consistem em espigões alongados que se projetam das escarpas em direção às planícies costeiras, apresentando feições de extensos alinhamentos serranos ou mesmo sob forma de simples morros-testemunho (DANTAS et al, 2004, p. 7).

Os acampamentos pré-coloniais encontram-se preferencialmente nestes compartimentos, que são dunas arenosas do recuo no máximo regressivo. As suaves elevações litorâneas compostas por solos quartzarênicos brancos ou levemente amareladas, de boa distribuição ao longo do rio, formaram um excelente nicho para assentamentos e ocupações estáveis e, por serem mais altos e secos, junto a volumososcorpos d'água, apresentavam florestas estacionais e de restinga. As matas ripárias e os capões de mato nas várzeas também eram uma variação do ambiente que provavelmente era atrativo e explorado por grupos pré-coloniais nas margens do rio Araranguá. É nesse compartimento que foram registrados os dois sítios arqueológicos alvos desta pesquisa.

> Trata-se do principal rio da bacia e é formado pela confluência dos rios Mãe-Luzia e Itoupava, logo à montante da cidade de Araranguá, abrangendo apenas o trecho final da bacia, já próximo a sua foz com o Oceano. O rio Araranguá apresenta um padrão de canal meândrico com trechos retilíneos e consiste num típico rio de planície com gradiente do canal extremamente baixo. Este trecho da bacia abarca uma extensa planície flúvio-lagunar mal drenada, ladeada por cordões arenosos e campos de dunas de idades holocênica e pleistocênica e planícies lagunares entre as duas gerações de cordões litorâneos (DANTAS et al, 2004, p. 15).

Os cordões litorâneos, entre cortados pelos barrancos meândricos do rio, antigo ou recente, formaram uma planície de suaves elevações tabulares, vegetada, seca e alta, com solos relativamente férteis e não inundáveis. A estabilidade da paisagem, afastada das esporádicas inundações do rio Araranguá, teria sido um atrativo importante para ambas as culturas arqueológicas registradas no litoral sul catarinense.

> Nestes cordões marinhos é possível observar, localmente, um padrão de drenagem paralelo em que os pequenos canais alojam-se nas depressões inter-cordões. A densidade de drenagem deste trecho da bacia é muito baixa, sendo que os terrenos planos da baixada são cortados por poucos canais. Nota-se a ocorrência de fenômenos de avulsão do canal meândrico por meio de vários meandros abandonados no baixo curso do rio, assim como um processo recente de acreção/rompimento da barra do rio Araranguá, junto a sua desembocadura, o que evidencia uma expressiva atividade morfodinâmica do baixo curso da bacia em tempos recentes (DANTAS et al, 2004, p. 15).

Os cordões marinhos e as paleodunas são barreiras naturais na paisagem. Representam como que marcos demarcatórios na paisagem, por serem lineares e organizados simetricamente ao rio resultado dos máximos transgressivos. A sinuosidade do rio e o contorno de obstáculos naturais construíram naturalmente uma paisagem repleta de terraços

secos e férteis, de deposição fluvial antiga, ambiente altamente favorável para o povoamento de culturas indígenas pré-coloniais.

Por fim, o rio Araranguá deveria oferecer inúmeros atrativos para o povoamento pré-colonial: alta potencial de pesca e navegação, terrenos altos, secos e férteis e florestas e capões de mato contendo abundante caça. Os corpos d'água da planície de inundação do rio formam um conjunto de banhados rico em fauna e flora que pode ser utilizada para o consumo humano.

HISTÓRICO DA REGIÃO

A paisagem da área de pesquisa é historicamente conhecida e importante marco geográfico para a ocupação caiçara no Brasil colonial (PIAZZA, 1982; CABRAL, 1987). Para a coroa portuguesa enseadas e desembocaduras são pontos estratégicos para a navegação e a exploração territorial. Araranguáfazia parte do *caminho dos conventos*, já descrito em carta do Brigadeiro José da Silva Paes no ano de 1736,

> Araranguá, pela sua posição topográfica de passagem obrigatória que o situa na crista desse caminho de não poucos desses acontecimentos, constitui indiscutivelmente o ponto de referência único de penetração da costa marítima, em caráter de efetividade particular e oficial. Por mais de dois séculos, a começar pelos andarilhos indígenas, foi ponto forçoso de acesso, por via terrestre para os que transitavam para o Sul e para o Norte. O seu rio, segundo muitas informações de épocas passadas era soberbo pelas suas águas vastas, profundas e poderosas e nas imediações de cuja desembocadura se tornou conhecido o local denominado – Conventos (HOBBOLD, 2004, p. 55).

Nesse primeiro momento da colonização, os portugueses comerciantes avistavam indígenas que "perambulavam" pela costa, com raros pontos fixos e aldeias maiores (SOARES DE SOUSA (1587), 1958. Os padres, no entanto, viam nos nativos um potencial de povoamento e catequese (RODRIGUES (1605), 1940), formando nos conglomerados os aldeamentos caiçaras, usando a língua geral e as formas e os costumes mamelucos. Surge desse contato uma cultura mestiça, ibero-indígena, de alto potencial adaptativo em dois mundos: o português e o nativo-americano.

Os primeiros povoadores portugueses avançaram pelo rio na busca de fundar povoamentos e obter madeira por volta da segunda metade do século XVII e, posteriormente, no século XVIII a ocupação se efetiva com aldeamentos jesuíticos e canaviais que abasteciam os engenhos de famílias de origem portuguesa. As primeiras vilas começaram pequenos canaviais e trigais para o comércio da água-ardente, do açúcar e da farinha. A economia

primária era acompanhada pela pecuária insipiente e pela pequena produção de hortaliças, cucurbitáceas e tubérculos.

> Dada a excelência de navegabilidade interiorana que representava o Rio Araranguá, na época dos primeiros colonizadores aventureiros, vindos de Laguna, presume-se evidentemente que ambas as margens do rio fossem exploradas pelos mesmos para os suprimentos e coletas de madeiras de lei, encontrando-se aqui ou lá chocar de ramagens, para pouso eventual dos caçadores e madeireiros. No entanto, fator mais preponderante de permanência e fixação de um módulo populacional se localizaria à margem direita do Rio Araranguá, numa distância aproximada de 20 km acima de sua desembocadura, por via aquática, onde se constituía denominado pouso Capão da Espera (HOBOLD, 2004, p. 81 *apud* TEIXEIRA, 2006, p. 16).

As vilas açorianas do povoamento inicial das margens do rioAraranguá eram compostas por algumas dúzias de casas erguidas em adobe, pau a pique e cobertura de palha. As famílias eras nucleares, unidas por complexas redes de parentesco que os ligavam à fidalguia portuguesa. A produção tinha por objetivo o comércio para a obtenção dos produtos da metrópole e a aquisição de itens manufaturados de outros países da Europa. Os sítios arqueológicos coloniais estão próximos da margem do rio, enquanto que os sítios cerâmicos encontram-se no terraço fluvial do mesmo.

Ao longo do século XIX a pecuária ocupou significativa parcela na economia, o tratamento da carne e o transporte de derivados do gado abasteceram a economia. Os trigais deram espaço a outras culturas como os milharais e os mandiocais, além dos pequenos bananais e hortas familiares. São nessas hortas que atualmente se encontram vestígios arqueológicos cerâmicos. Os engenhos ganharam força com a mão de obra escrava, mas entraram em decadência a partir de 1850, após o declínio dos decretos contra a escravidão através do Atlântico. Com a escassez de mão de obra, a vila de Araranguá passa a investir em pastagens e pesca, surgindo nesse período as vilas da Barra Velha e Ilhas.

O Padre Dall'Alba relembra,

> Quando era pequeno, rapazote, conheci um grande movimento de embarcação na Cangica... O porto era perto de casa do Danúbio, para cima um pouquinho. Havia ali uns casarões grandes... Havia a casa de comércio do Brígido. Conheci a casa de comércio do Velho Brígido, mulatão negro, muito rico... Eu nasci em 1906. Por volta de 1915, nas Cangicas, havia uma pensão do Antônio Estevão... No Centro quase não havia comercio. Só na costa do rio... Lá em cima já havia escrivão, o José Patrício. Já havia políticos. O João Bento não era tanto, mas Antônio Brígido era muito político. Ambos eram mulatos. Da Povoação, eram fatos muito antigo em relação ao meu tempo de criança. Houvera uma luta, teria morrido gente. De fato havia um cemitério ali. A mãe contava que eles ouviram tiroteio ali dos conventos. A família toda foi de carreta de boi se esconder no mato. Abandonaram engenho com polvilho, farinha ensacada. Vieram revolucionários. Quando voltaram,

> encontraram a farinha misturada com marcela, de certo dos colchões, por tudo (DALL'ALBA, 1997, p. 249).

Por volta do final do século XIX e início do século XX a economia, segundo o Padre Dall'Alba era ainda baseada na cultura da casa grande, na produção da farinha e do polvilho. Nesse período ainda era notável os *mulatos* e negros forros trabalhando como assalariados como empregados dos donos dos casarões. Através dessa aristocracia que surgem os primeiros conglomerados urbanos e, a partir daí, a cidade de Araranguá às margens do rio homônimo. Atualmente a cidade é industrial, dependendo em parte da cultura do arroz, da pesca e da produção cerâmica.

METODOLOGIA E HISTÓRICO DA PESQUISA

Os estudos sobre a interação cultural na pré-história no sul do Brasil tiveram seu maior expoente na pesquisa de Rogge (2005), que pesquisou os vestígios cerâmicos com indícios de contato cultural, representados pela cerâmica "*aculturada*" que continham elementos de diferentes contingentes culturais numa mesma vasilha. O autor observa que esse tipo de fenômeno ocorre em regiões específicas, que fazem uma confluência natural entre as paisagens culturais dos grupos, como interseções entre planalto e pampa; planície e serra; vale e planalto, etc. Na confluência das paisagens culturais existem sobreposições e sítios arqueológicos com interferência de dois ou mais contingentes culturais pré-coloniais.

> Certamente, como já foi mencionado anteriormente e como já é sabido pelos arqueólogos, os sítios relacionados às diferentes tradições cerâmicas se distribuem, em grande parte, acompanhando sistemas ecológicos específicos, indicando uma adaptação positiva por parte de seus portadores a esses ambientes: a Floresta Ombrófila Mista, para a tradição Taquara; a Floresta Estacional Decidual e Semidecidual para a tradição Tupiguarani e as áreas baixas de Savanas e das Formações Pioneiras, para a tradição Vieira. Certamente, a configuração do relevo é um importante fator delimitador desses sistemas ecológicos o que também torna-se um fator até certo ponto limitante para a expansão dessas populações. A maioria dos sítios da tradição Taquara são encontrados em cotas acima de 500 m de altitude ANM, onde predomina a Floresta Ombrófila Mista. Os sítios da tradição Tupiguarani ocorrem, em grande parte, ao longo de vales de rios a uma altitude que raramente ultrapassa 300 m ANM, ambiente característico das matas subtropicais. Por sua vez, os sítios da tradição Vieira estão sempre em cotas menores que 100 m ANM, especialmente ocupando locais próximos a áreas alagadiças, ou ao longo das grandes lagoas litorâneas ou em áreas de banhados das desembocaduras ou nascentes de alguns rios do interior (ROGGE, 2005, p. 116).

A paisagem, como vetor importante para a seleção cultural, teria fornecido nichos específicos que foram preferencialmente ocupados por distintos grupos horticultores

nômades. No caso do vale do Araranguá, não foi tanto a altitude que teria determinado a escolha, mas as áreas florestadas e as restingas, preferencialmente ocupado por grupos portadores da tradição cerâmica Tupiguarani e os longos campos de dunas, eventualmente ocupado pelos grupos portadores da cerâmica Taquara/Itararé nas margens dos lagos costeiros.

A pesquisa teve início em 2014 quando com o advento de um projeto de licenciamento ambiental, desenvolvido pelo Setor de Arqueologia – IPARQUE/UNESC, que teve por objetivo liberar as áreas para a instalação de decks de pesca de caniço nas margens do rio. As áreas prospectadas se limitaram as margens imediatas do rio, mas a equipe também percorreu as áreas de maior potencial arqueológico e os indicativos na paisagem. Os terraços fluviais nas localidades da Volta Curta, Hercílio Luz, Manhoso, Januário do Canto e na Canjicaforam os espaço mais significativos para o povoamento pré-colonial na desembocadura do rio Araranguá. Para verificar a interação destes grupos no meio em que habitam a passagem de Green &Pearlman (1985) sintetizam melhor o método adequado a ser aplicado:

> Estudos de fronteira cultural reconhecem as sociedades como abertas. [...] eles abrem a arqueologia histórica e pré-histórica para um estudo sistemático de lugares não centrais e as ligações entre esses e os estudos tradicionais de sítios centrais. [...] Os assentamentos de fronteira, então, são importantes porque fazem parte da variabilidade arqueológica que está associada a esse conjunto de contextos. Essa única razão fazem dos estudos de fronteira cultural um elemento crítico para a análise de sistemas sociais (GREEN & PEARLMAN, 1985, p. 9).

A pesquisa, portanto, busca identificar os sítios arqueológicos inseridos na classificação de Rogge (2005) e de Green & Pearlman (1985) capazes de definir através da cultura material a permeabilidade de sistemas sociais abertos, através do contato cultural observável nos tipos distintos de cerâmica na paisagem. Com os conceitos de fronteira cultural e sociedades abertas em mente, foram selecionados dois sítios arqueológicos que melhor representam o encontro e a interação cultural no vale do rio Araranguá. A partir dos dois sítios selecionados, serão descritos critérios e características que irão, futuramente, facilitar a identificação dos sítios arqueológicos com evidencias de interação cultural.

OS SITIOS ARQUEOLÓGICOS

Os sítios arqueológicos que estão sobre dunas, podendo estar erodidos ou não, indicam certa preferência por áreas mais altas, próximas de corpos d'água e do mar. Esses espaços seriam cobertos por vegetação arbórea densa, com bosques e galerias, capazes de sustentar uma população relativamente grande. O solo arenoso, relativamente oxidado, é fértil e capaz de sustentar hortas pequenas e médias. As áreas são planas e os sítios arqueológicos são formados por manchas de terra escura, com pacotes estratigráficos que não ultrapassam os 40,0 cm de espessura no perfil.

O material arqueológico que ocorre nos assentamentos dessas áreas são a cerâmica, seguido do lítico polido e, em raros casos, lítico lascado. O material é normalmente atribuído à tradição ceramista Tupiguarani. O diagnóstico cultural do maior contingente ceramista surge principalmente da decoração corrugada, corrugada-ungulada, pintada e escovada. O segundo maior contingente ceramista é definido pela posição de seus assentamentos na paisagem e pelo tipo cerâmico.

Sítio arqueológico SC-ARA-022: Aldeia do Mussuline

O sítio arqueológico Aldeia do Mussuline foi visitado pela equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas – IAP/UNISINOS e pelo Setor de Arqueologia – IPARQUE/UNESC, durante a execução do Projeto Interpraias. As primeiras observações sugerem que duas culturas ceramistas ocuparam o local. Inicialmente grupos vinculados à tradição Itararé e, posteriormente, grupos portadores da cerâmica da tradição Tupiguarani.

> O Sítio Arqueológico SC-ARA-022 (Aldeia do Mussuline), classificado como Sítio Guarani, está localizado em terrenos do Sr. MussulineZanette, coordenadas UTM 22J 665312E/6807103 N, a 100 metros da Rodovia Antônio Fortulino, na comunidade de Lagoa dos Esteves, município de Balneário Rincão, SC. Foram encontrados fragmentos de cerâmica Guarani (Figura 01) distribuídos em uma área de aproximadamente 40 x 50 metros. Está a aproximadamente 40 metros acima do nível do mar e a 750 metros da Lagoa dos Esteves. Geologicamente encontra-se assentado sobre o Sistema Laguna-Barreira Pleistocênica (QPb) e sobre Neossolos de areia Quartzosa (AQd). Foi registrado pela equipe de Arqueologia do IPAT/UNESC em 1998, durante o Projeto Interpraias (CAMPOS, 2015, p. 200).

A posição e a implantação na paisagem mostra que as escolhas culturais pelos cenários levaram em consideração o corpo sinuoso e meandroso do rio, em preferência próximo ao mar e com relação a esse, em área que provavelmente existiam mata arbórea e solos férteis.

Figura 01 – A seta vermelha sinaliza o local onde se encontra o Sítio Arqueológico SC-ARA-022 (Aldeia do Mussoline), município de Balneário Rincão, SC, em área ocupada por residência e pastagem (A); Detalhe do fragmento cerâmico liso encontrado na superfície do sítio (B).



Fonte: Setor de Arqueologia/UNESC.

Sítio arqueológico SC-ARA-017: Mussuline Zanette

O material arqueológico identificado no sítio se refere, principalmente, aos grupos portadores da tradição Tupiguarani. Sendo possível identificar entre os fragmentos cerâmicos, alguns que representam técnicas distintas de decoração plástica e formas variadas de confecção. A outra forma decorativa e com fins distintos de confecção, como o brunido enegrecido e as bordas alisadas, características que identificariam a tradição Taquara/Itararé.

> O Sítio Arqueológico SC-ARA-017 (SC-IÇ-02) foi registrado pelos pesquisadores do Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) de São Leopoldo/RS, recebendo a sigla SC-IÇ-02, foi revisitado pela equipe do IPAT/UNESC durante o Projeto de Levantamento Arqueológico da Rodovia Interpraias em 1998, classificado como Sítio Guarani. Está Localizando-se às margens da Estrada Geral Barra Velha, nas coordenadas UTM 22J 665572E/6805042N, na propriedade do Sr. MussulineZanette, no município de Balneário Rincão, SC. Situa-se á aproximadamente 900 metros da Lagoa dos Esteves e a 30 metros acima do nível do mar. Geologicamente encontra-se assentado

> sobre o sistema Laguna-Barreira Holocênica (QHb), cujos solos são do tipo Neossolos de areia quartzosa (Ama4). Foram encontrados fragmentos cerâmicos Guarani dispersos (Figura 40) em uma área de aproximadamente 10 x 20 metros (CAMPOS, 2015, p. 196).

As dunas antigas erguidas pelo vento, que se formaram no quaternário, compuseram o espaço adequado e favorável ao povoamento dos grupos ceramistas. Nesse território são encontradas grandes aldeamentos predominantemente associado a grupos Guarani. Existindo elementos, porém, do contato cultural de grupos Jê meridionais nestes mesmos territórios.

Figura 02 – Vista panorâmica do Sítio Arqueológico SC-ARA-017 (A) cuja área atualmente é utilizada como camping; Detalhe do fragmento cerâmico encontrado na superfície do sítio (B).



Fonte: Setor de Arqueologia/UNESC.

As evidências que informam o contato cultural são sutis, compõe-se de raros fragmentos da tradição Itararé em meio a grande maioria de fragmentos Tupiguarani. O mesmo pode acontecer com sítios exclusivamente cerâmicos da tradição Itararé com reocupação ou contato evidenciado pela cerâmica Tupiguarani.

CONCLUSÃO

Por se tratar de uma pesquisa experimental, entendendo que o potencial identificado na bibliografia secundária é amplo, essa primeira notícia concentra-se na apresentação dos resultados dos levantamentos secundários e na descrição dos dois principais sítios arqueológicos com indicativos de contato cultural. Entende-se aqui por contato cultural quando dois grupos étnicos distintos entram em contato entre si deixando como registro um conjunto de evidências arqueológicas que representam essa interação. No caso dos sítios SC-ARA-17 e RS-ARA-22 houve o registro de evidências arqueológicas da interação entre os

diferentes contingentes étnicos que ocuparam a foz do rio Araranguá. Esses grupos representando as tradições ceramistas Tupiguarani e Itararé que teriam tido alguma relação social entre os séculos VIII e XII da Era Cristã.

Também existem nesses sítios arqueológicos registros de contato cultural com os primeiros colonizadores do Brasil Meridional. Em outro artigo, serão descritas apenas o material arqueológico que apresentam indícios de contato cultural entre populações ceramistas pré-coloniais. O rio Araranguá enquanto fronteira cultural ofereceu um espaço adequado para o estabelecimento de cultural ceramistas especializadas em cultivos e coletas entre a mata Atlântica e o oceano, desde a encosta do planalto até as dunas pleistocênicas, ocupando preferencialmente as áreas mais altas e secas próxima a esse grande corpo d'água. Os dados de ambos os sítios arqueológicos descritos acima indicam que existe uma sobreposição de culturas mais recentes, migrantes da Amazônia, sobre populações do planalto meridional. Esse encontro cultural teria se dado, principalmente, pela seleção preferencial de ambas as culturas por espaços próximos ao rio Araranguá, em especial sobre o terraço fluvial do rio.

Esses primeiros encontros, a mais de um milênio antes do presente, propiciaram situações que permitiram uma maior interação destes grupos, resultando nos dois sítios descritos acima. Estes dois grandes aldeamentos também sofreram pressão por parte dos colonizadores portugueses entre os séculos XVII e XVIII. Momento em que se consolida uma fronteira de contato cultural na foz do rio Araranguá entre os três principais grupos registrados pela etnohistória. O objetivo deste artigo foi explorar o tema do contato cultural na foz do rio Araranguá e trazer o tema ao debate para que se possa consolidar, teoricamente, o vale do rio Araranguá como um acidente geográfico onde ocorreram intensas trocas culturais e interações sociais entre os diversos grupos que povoaram a região.

AGRADECIMENTOS

Ao tornar público este trabalho gostaria de agradecer aos colegas da UNESC Juliano Bittencourt Campos, Juliano Gordo Costa, Josiel Santos, Neemias Santos da Rosa e Jedson Picci Cerezer.

REFERÊNCIAS

CABRAL, O. R. *História de Santa Catarina.* 3 ed., Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CAMPOS, Juliano Bitencourt. *Arqueologia Entre Rios e a Gestão Integrada do Território no Extremo Sul de Santa Catarina – Brasil.* 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2015.

DALL'ALBA, João Leonir. *História do Grande Araranguá.* Araranguá: Orion, 1997. 519p.

DANTAS, Marcelo Eduardo; GOULART, Décio Rodrigues; JACQUES, Patrícia Duringer; ALMEIDA, Ivete de Souza & KREBS, Antônio Sílvio Jornada. *Geomorfologia aplicada à gestão integrada de bacias de drenagem: Bacia do Rio Araranguá (SC), Zona Carbonífera Sul-Catarinense.* Florianópolis, CPRM, 2004. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/rehi/simposio/dehid/Marcelo%20Dantas.pdf> Acesso 19 ago 2019.

FERRARI, Jussara L. Sítios arqueológicos costeiros, litoral norte do RS, Brasil. *Boletim do Marsul,* Taquara, p. 86-90, 1985.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *Os Carijós – Lá nas raízes.* Florianópolis: IOESC, 1987. 68 pg.

GREEN, Stanton W; PERLMAN, Stephen M. Frontiers, Boudaries, and Open Social Systems. In: GREEN, Stanton W; PERLMAN, Stephen M. *The archaeology of frontiers and boundaries.* California: Academic Press, 1985. 344 pg.

HOBOLD, Paulo. *A História de Araranguá.* C. atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá. [s.n] 2005. 311p.

KERN, A. A.; LA SALVIA, F.; NAUE, G. Projeto Arqueológico Litoral Setentrional do Rio grande do Sul: O Sítio arqueológico de Itapeva, Torres. *Veritas:* Porto Alegre, v. 30, n° 120, p. 571-585, 1985.

IHERING, H. von. A ethnologia do Brazil Meridional. *Revista do Instituto Histórico e Geográphico de São Paulo,* n. 11, São Paulo, 1907. Pp. 229-250.

KOSERITZ, K. von. Subsídios Ethnographicos. *Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul,* n. 20, Porto Alegre: 1928. Pp. 19-48.

LÉRY, Jean de (1578). *História de uma Viagem feita á terra do Brasil.* São Paulo: Officinas da São Paulo Editora Ltda. 1926. 285 pg.

MABILDE, Pierre François Alphonse Booth. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação "Coroados" que habitamos sertões do Rio Grande do Sul, pelo Tenente-coronel P.F. Affonso Mabilde (1866). *Annuario do Estado do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, ano XIII, p. 145-167, 1897.

MAESTRI, Mário. *Os Senhores do Litoral – Conquista portuguesa e agonia Tupinambá no litoral brasileiro (século XVI).* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994. 164 pg.

PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina: Sua História.* Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983. P. 404- 437.

PIAZZA, W. F. *A Colonização de Santa Catarina.* Porto Alegre: BRDE, 1982.

RODRIGUES, Jerônimo. A Missão dos Carijós – 1605-1607. In: LEITE, Serafim. *Novas cartas jesuíticas (de Nóbrega a Vieira).* São Paulo: Brasiliana, 1940. pp. 196-246.

ROGGE, Jairo H. Fenômenos de Fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. In: *Pesquisas Antropologia***,** n. 62, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2005. 124 pg.

ROGGE, Jairo Henrique. Acampamentos Litorâneos Guarani e Jê no Litoral Central do Rio Grande do Sul, Brasil. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano,* v. 4, p. 173, 2013.

ROGGE, Jairo Henrique; SCHMITZ, Pedro Ignácio. Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica no litoral norte do RS. *Pesquisas. Antropologia,* v. 68, p. 167-225, 2010.

SOARES DE SOUZA, Gabriel (1587). *Derrotero general de la costa del Brasil – Y memorial de las grandezas de Bahia.* Madrid; EdicionesCultura Hispánica, 1958. 305 pg.

TEIXEIRA, Gisele Da-Soler. *De um atalho estreito, transforma-se em largas avenidas: Araranguá.* (Trabalho de Conclusão de Curso) Criciúma: UNESC, 2006.

THEVET, André (1558). *Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América.* Porto Alegre: Série Brasiliana, v. 219, Cia. Editora nacional, 1944. 502 pg.